

Psicologia ambiental, verticalização urbana e subjetividade: reflexões e apontamentos.

Wanderson Alves De Jesus, Dandara Giombelli Grando, Felipe de Souza Mello

Curso de Psicologia, Faculdade da Serra Gaúcha, Bento Gonçalves, RS.

Orientador:

***Maiton Bernardelli**

endereço: Rua Os Dezoito do Forte, 2366.

Caxias do Sul – RS. CEP: 95020-472.

E-mail: maiton.bernardelli@fsg.edu.br

**Palavras-chave: Psicologia ambiental;
urbanização; jovem;**

INTRODUÇÃO: Com caráter multidisciplinar, a psicologia ambiental compreender o comportamento dos seres humanos em relação ao ambiente físico. A expansão da urbanização no Brasil foi um processo rápido e intenso que ocasionou vários problemas para as cidades, como a alta densidade demográfica e a consequente exclusão social, crise habitacional, segregação espacial, violência urbana, degradação ambiental, e aumento da pobreza, provocando alterações na qualidade de vida dos habitantes (ROSA, 2014). Fazendo uma descrição analógica das “casas grudadas umas às outras” UEDA (2014) aponta caminhos para pensar que a verticalização das cidades resulta na produção de novas subjetividades e relações. Na contemporaneidade, a casa vertical e produzida em série acaba representando um “objeto físico com a função específica de isolar o indivíduo e sua família das outras pessoas que moram ao lado, acima e abaixo, e protege-las dos perigos da rua” (UEDA, 2014, p.1). Neste sentido quais seriam os impactos da verticalização urbana na subjetividade de seus habitantes? O objetivo deste resumo é explorar possíveis efeitos da verticalização das cidades na subjetividade de seus habitantes.

MATERIAL E MÉTODOS: Este trabalho se caracteriza como uma revisão narrativa da literatura a partir de livros e artigos científicos, pesquisados em bases de dados como: Scielo, PePSIC, Google Acadêmico e Lume.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: O ambiente urbano é um espaço de adaptação no qual os indivíduos constituem relações e subjetividades (SILVA, 2016). Uma vez que a subjetividade é formada na relação com o outro e com seu meio (AITA, 2011), a verticalização das cidades favorece o desenvolvimento de subjetividades baseadas nas experiências de medo e isolamento, potencializando riscos para emergência de sintomas e transtornos psicológicos e psiquiátricos. Os resultados preliminares deste estudo indicam que o processo de urbanização e verticalização das cidades decorre do modelo geoeconômico, cada vez mais marcado pela lógica de capital. Esse fenômeno resulta no avanço urbano marcado pelo isolamento e medo, conforme destaca Bauman (2005, p. 38-39): *“A nova estética da segurança decide a forma de cada tipo de construção, impondo uma lógica fundada na vigilância e na distância.”* A esse modelo, a própria verticalização das cidades representa uma nova concepção ideológica das mudanças sociais e econômicas do capitalismo moderno e que, por sua vez, reduz as possibilidades de convivência social e de interação com espaços que poderiam ampliar a qualidade de vida de seus habitantes. Elali (2014) destaca as dificuldades encontradas por idosos na cidade de Natal/RN ao buscar áreas de lazer e convicência em meio ao caos urbano, revelando as influências diretas no comportamento social dos indivíduos por meio dos equilíbrios entre urbanização e os afetamentos subjetivos aos seus habitantes. Cada vez mais compactos, os espaços verticais desfavorecem a convivência coletiva, que é substituída pelos *shopping centers* ou por outros aparatos amparados pelas lógicas comerciais, enquanto as relações de trocas e convicência entre vizinhos ficam cada vez mais restritas. Os efeitos do isolamento social foram bem descritos com a experiência pandêmica, resultando em sintomas de ansiedade, depressão, transtorno obsessivo compulsivo, entre outros (SANTOS, 2021).

CONCLUSÃO: Destacamos que a verticalização das cidades e urbanização podem afetar a constituição da subjetividade de seus habitantes potencializando riscos para o desenvolvimento de sintomas psíquicos e ou transtornos mentais. Por conta do medo e da insegurança, o isolamento se consolida como característica de proteção que impulsiona a formação de subjetividades cada vez mais esquivas e com severas dificuldades relacionais e de convivência.

REFERÊNCIAS

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Subjetividade: uma análise pautada na**

Psicologia histórico-cultural. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte), Belo Horizonte , v. 17, n. 1, p. 32-47, abr. 2011 .

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009

ELALI, A.; SILVA, A.R.; VARGAS, L.C. **Um oásis urbano: Dois estudos das interações pessoa-ambiente na Praça Kalina Maia, Natal/RN.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte Natal, RN, Brasil, v. 45, n. 3, pp. 305-315, jul.-set. 2014.

ROSA, Maria Olívia. **O processo de urbanização e a qualidade de vida: observações sobre o espaço urbano de Brasília.** Trabalho de Conclusão Pós Graduação Direito Urbanístico e Regulação Ambiental do Centro Universitário de Brasília (UnICEUB/ICPD). Brasília, 2014.

SANTOS, Iraneide Nascimento dos. **Isolamento social e seus impactos na saúde mental: Uma revisão.** *Research, Society and Development*, v. 10, n. 8, e22110817206, 2021.

SILVA, M. **A construção dos processos de urbanização como objetivo da Psicologia do Brasil.** Instituto federal de Alagoas, Maceió, 2016.

UEDA, Guilherme Shoiti. **Verticalização das cidades brasileiras : uma desconstrução do espaço social.** Dissertação Mestrado Engenharia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: UFSCar, 2014.